

convencional. O paciente veio a óbito no dia seguinte ao procedimento cirúrgico. Sabe-se que os adenocarcinomas prostáticos são altamente invasivos e metastáticos, sendo de prognóstico ruim. Porém, mesmo nesse caso não sendo possível a total realização do procedimento através da videocirurgia, quando tratar-se de pacientes com escore corporal adequado, a técnica é altamente recomendada, por ser um procedimento pouco invasivo e menos traumático, facilitando o pós-operatório do paciente. O diagnóstico precoce dessas neoplasias é de suma importância para a intervenção precoce a fim de diminuir a progressão agressiva da enfermidade.

Palavras-chave: Prostatectomia; Adenocarcinoma prostático; Videocirurgia.

P-009

AGENESIA BILATERAL DE ULNA EM FELINO: RELATO DE CASO

Janalia Azevedo Faria¹; Nilza Dutra Alves²; Francisco Marlon Carneiro Feijó³; Sthenia Santos Albano Amora³; Ana Helena Lima de Souza²; Rodrigo Alboim de Paiva Fernandes Rodrigues²

É relatado um caso de agenesia bilateral de ulna em um gato, sem raça definida, macho, de dois meses de idade atendido na Policlínica veterinária de Fortaleza/CE. O animal se apresentou com uma visível deformidade bilateral do membro torácico e a queixa principal foi dificuldade de locomoção e postura anormal. O paciente passou por um exame clínico e em seguida foi realizado um RX sendo detectada a confirmação da ausência de ulna. A ulna é constituída de corpo, que é alongado e está fundido ao corpo do rádio, exceto nos espaços interósseos. A extremidade distal da ulna também está aderida ao rádio e termina formando o processo estilóide da ulna. A ulna, juntamente com o rádio, faz parte do esqueleto do antebraço. Estes ossos são móveis um sobre o outro e completamente distintos. No cão e no gato, entram em contato apenas nas extremidades proximal e distal para permitir a realização dos movimentos de pronação e supinação. É rara a ausência total ou parcial do segmento ósseo distal dos membros, promovendo ao animal algumas limitações, uma vez que reduz a capacidade de movimentação, promove atrofia muscular e encurtamento dos membros, alterações posturais e de locomoção, sendo um quadro indolor. As alterações morfológicas congênicas, caracterizadas por desenvolvimento anormal de um osso ou parte dele são denominadas de disostoses. As causas que podem justificar este tipo de má formação são diversas, entre elas compressão gestacional intrauterina, manifestações teratogênicas provocadas por drogas, processos inflamatórios, desnutrição, exposição a radiações ionizantes, trauma sofrido pela gestante, vacinas, insulino terapia e deficiência vascular embrionária. Para a recuperação do animal, foi instruído que ficasse em locais acolhoados até que se habituassem a nova condição. O animal foi reavaliado e apresentava boa qualidade de vida com apoio frequente do rádio, optando-se dessa forma por continuar o tratamento conservativo. A agenesia bilateral de ulna observada no felino deste relato respondeu bem ao tratamento conservativo, com o animal apresentando boa qualidade de vida.

Palavras-chave: Agenesia; ulna; gatos.

1 Discentes do mestrado em ambiente, tecnologia e sociedade

2 Discente do curso de medicina veterinária

3 Docente do curso de pós-graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade.

Email: Nilzadutra@yahoo.com.br

P-010

ALTERAÇÕES CLÍNICAS E LABORATORIAIS EM CANINO PORTADOR DE DESVIO PORTOSSISTÊMICO INTRA-HEPÁTICO CONGÊNITO

Geyanna Dolores Lopes Nunes ; Giovanna Carla de Oliveira Campos; Sílvia Aparecida Cavalcanti de Queiroz; Genilson Fernandes de Queiroz; Kilder Dantas Filgueira

Objetivou-se descrever, na espécie canina, o perfil clínico-laboratorial do desvio portossistêmico (DPS) de origem congênita e localização intra-hepática. Uma cadela, com três anos de idade, da raça pastor alemão, possuía hiporexia e apatia. A paciente foi submetida ao exame físico. Optou-se por realizar hemograma completo, bioquímica sérica (hepática e renal), análise de líquido ascítico e ultrassonografia abdominal. Preconizou-se terapia com silimarina, ácido ursodesoxicólico, furosemida, dieta específica para animal hepatopata e paracentese periódica. Foi necessária uma biópsia hepática, sendo enviada para histopatologia. A cadela apresentava estado nutricional magro, mucosas hipocoradas e edema de membros pélvicos. Havia distensão do abdômen decorrente da presença de efusão. As anormalidades laboratoriais equivaleram à anemia arregenerativa, elevação da atividade sérica das enzimas hepáticas e hipoalbuminemia. O fluido ascítico foi classificado como transudato e a imagiologia exibiu fígado com dimensão aumentada, parênquima rugoso e ecogenicidade diminuída. Estabeleceu-se diagnóstico de hepatopatia, sem confirmação da etiologia. O tratamento não determinou remissão da sintomatologia, justificando-se a biópsia incisional do fígado, cuja avaliação histopatológica foi indicativa de DPS congênito intra-hepático. Transcorridas algumas semanas o animal veio a óbito. O DPS é uma comunicação vascular anômala entre a circulação portal e sistêmica, podendo ser congênito ou adquirido, solitário ou múltiplo, além de intra ou extra-hepático. Fatores genéticos podem estar envolvidos com o aparecimento do DPS congênito, assim como insultos durante a gênese fetal que resultam em má formação da vasculatura hepática. Na paciente em questão, a inspeção cirúrgica abdominal excluiu a presença de estruturas vasculares correlacionadas com o DPS extra-hepático. Assim a histopatologia revelou importância para o diagnóstico do DPS intra-hepático. Como o DPS da fêmea relatada era de localização intra-hepática, tornou-se difícil o emprego de técnicas cirúrgicas para a correção. Logo a terapia restringiu-se ao uso de fármacos, o que contribuiu para um prognóstico desfavorável. Em cães jovens (mas não obrigatoriamente pediátricos) deve-se considerar a possibilidade de DPS congênito. Por vezes, devido à ausência de especificidade clínica e laboratorial há necessidade da adoção de provas invasivas, como biópsia hepática destinada a histopatologia.

Palavras-chave: distúrbios do desenvolvimento, vascularização, fígado.

P-011

ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS E BIOQUÍMICAS DE CÃES REAGENTES PARA LEPTOSPIRA SPP

Ana Miriam Vieira¹; Laís Miguel Rezende¹; Lucas Dorneles de Oliveira²; Tatiane Cristina Fernandes Tavares³; Dayane Olimpia Gomes⁴; Anna Monteiro Correia Lima-Ribeiro⁵

Foi avaliada a frequência sorológica de anticorpos anti-*Leptospira* spp em cães atendidos em Uberlândia, MG que também foram submetidos aos exames hematológicos e bioquímicos (ureia, creatinina e ALT). Na rotina de atendimento clínico de cães, muitas vezes o médico veterinário solicita e interpreta exames de sangue e já propõe um tratamento, ignorando a possibilidade de ocorrência de doenças que necessitariam de um exame mais específico para serem confirmadas. Diante disto, foram testadas 94 amostras de soro sanguíneo